

## LEGIÃO URBANA: A POESIA NA MÚSICA DE RENATO RUSSO

Maria Yonar Marinho dos Santos – UFAM/CAPES<sup>i</sup>

### RESUMO

O presente estudo aborda as convergências e dissonâncias entre letra de música e poesia nas letras da banda de rock brasileira *Legião Urbana*, através de seu vocalista e compositor, Renato Manfredini Jr. ou, simplesmente, Renato Russo<sup>ii</sup>, como ficou conhecido. Nascido em 27 de março de 1960, no Rio de Janeiro, ele vivenciou reflexos do golpe militar de 1964, o exílio aos artistas brasileiros após o *AI-5*<sup>iii</sup> e, devido à infância em Nova York, pode trazer ao rock nacional influências mais comportadas do punk, derivadas hoje como pós-punk, revelando a música de bandas como *Joy Division*, *The Smiths* e *Sex Pistols* nas letras de *Geração Coca-Cola* e *Que País é este*, não esquecendo o nosso *Tropicalismo* e o *folk* de Bob Dylan em *Faroste Caboclo*, uma mimese da outrora e aclamada *Domingo no Parque* de Gilberto Gil. A rica utilização de metáforas na abordagem política contemporânea, o retorno a religiosidade através de versos bíblicos e a alusão a poetas consagrados como Rimbault e Charles Baudelaire, são algumas das características que nos despertam o olhar para a sensibilidade daquilo que sugere emoções por meio da linguagem e a partir desse aspecto, corroborá-la poesia.

Palavras Chave: Letra, Música, Poesia, Legião Urbana, Renato Russo.

### ABSTRACT

This study examines the convergences and dissonances between song lyrics and poetry in the lyrics of rock band Brazilian *Urban Legion*, through its lead singer and composer, Renato Manfredini Jr., or simply Renato Russo, as it became known. Born March 27, 1960, in Rio de Janeiro, he experienced reflexes military coup in 1964, Brazilian artists to exile after the AI-5 and due to childhood in New York, can bring the national rock tamer influences punk, derived today as post-punk, revealing the music of bands like Joy Division, the Smiths and Sex Pistols in the lyrics of *Geração Coca-Cola* and *Que país é este?*, not forgetting the fusion of our tropicalism and Bob Dylan folk in *Faroste Caboclo* a mimesis of the once acclaimed and *Domingo no Parque* Gilberto Gil. The rich use of metaphors in contemporary political approach, the return religiosity through Bible verses and the allusion to established poets like Charles Baudelaire and Rimbault are some of the features that awaken us to look at what sensitivity suggests emotions through language and from that point, support it poetry.

Keys Word: Lyrics, Music, Poetry, Legião Urbana, Renato Russo.

### INTRODUÇÃO

A *Legião Urbana* em sua formação oficial nasceu em 1983, com Renato Russo (vocal), Dado Villa Lobos (guitarra), Renato Rocha (baixo) e Marcelo Bonfá (bateria) após o término da banda punk *Aborto Elétrico*, do vocalista Renato Russo com o guitarrista André Pretorius e Fê Lemos, que mais tarde, seguiriam seus próprios caminhos musicais. Renato adaptou o lema do Imperador romano Júlio César: Romana *Legio Omnia Vincit*, que significa *Os Legionários Romanos a tudo vencem* e aplicou o lema: *Urbana legio ominia vincit* em todos os CDs da banda, exceto no último da carreira em vida, *A Tempestade*. Para ele, o rock significa algo urbano e a legião, seria a juventude brasileira que vivencia experiências da

cidade. Com relação às letras, a Legião Urbana possui um traço romântico e narrativo. É classificada como banda pós-punk, por iniciar com influência notável de bandas inglesas como, *Joy Division*<sup>iv</sup> e *The Smiths*<sup>v</sup>, utilizando três, quatro ou cinco acordes básicos, como o punk “tradicional” na criação das músicas. Entretanto as letras possuem caráter mais elaborado, de cunho intelectual e exibe uma rebeldia politizada, aparentando entendimento fácil, contudo de muitos significados para quem se dispuser a pesquisar. E a partir dessa ótica, analisamos o casamento entre a música e a poesia na *Legião Urbana*; que apesar de distintas, a primeira com ritmo, melodia e som, e a segunda; oral, ritmada, oras métrica oras livre, nasceram juntas, como poderemos vislumbrar no texto a seguir.

## A POESIA NA MÚSICA E A MÚSICA NA POESIA

Muito se questiona sobre o que é poesia e como podemos classificá-la. Segundo Aristóteles<sup>vi</sup>, o poeta é um imitador e fala sobre coisas que o imaginário pode ver, isto é, não se preocupa com aquilo que é, mas como o que poderia ser, em outras palavras, utiliza a metáfora como ferramenta fundamental de suas elocuições, causando estranhamento ao ouvinte, que possivelmente, se vê interessado pela possibilidade daquilo que houve. Portanto, o poeta é mais fabulador que versificador, pois imita ações e por mais que seja real o que ele descreve, ainda assim não deixa de ser poeta, pois causou sensações no ouvinte como se o texto fosse a sua própria realidade. Nosso grande Fernando Pessoa descreve bem esse trecho da poética:

### AUTOPSILOGRAFIA

O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração.  
*Fernando Pessoa*

A poesia lírica como conhecemos na Idade Antiga era musicada e em vez de recitada, era cantada, recebendo essa denominação devido ao instrumento que se utilizava em seus recitais: a lira. Somente na Idade Média, após os trovadores, foi chamada de canção, efetivando aqui o caso mais convergente entre poesia e música que Ezra Pound<sup>vii</sup> considera:

Se a poesia é mesmo parte da literatura – coisa de que, por vezes, me sinto propenso a duvidar, porque a verdadeira poesia está muito mais estreita com o que de melhor há na música, na pintura e na escultura, do que com qualquer parte da literatura que não seja verdadeira poesia [...] (POUND, 2007, p.149)

Ezra ainda nos define três espécies de poesia: a *melopeia*, na qual a qualidade musical das palavras transcende o seu significado; a *fanopeia*: que são as imagens que o poema provoca no leitor e a *logopeia*, que forma a dança do intelecto entre as palavras. Pound afirma que tais características podem vir no poema separadamente, mas que um poema verdadeiramente denso, utilizará as três qualidades, unindo forma e conteúdo.

Segundo Zemaria Pinto “o poema traduz em palavras aquilo que o artista discerniu no ser da poesia: a poesia traduzida em música, a poesia das imagens, que inventa línguas, remove palavras e fundamenta a linguagem”.

A *Legião Urbana* apresenta essas características em suas letras e foi porta-voz da juventude da década de 80, que pode sentir nas músicas que ouvia e lia a sua realidade, o retorno ao passado e quiçá o norte para o seu futuro. Canções lindamente executadas e melodias escolhidas por Dado Villa-Lobos, um jovem estudante de sociologia, nascido na Bélgica, mas adotado por Brasília, pela turma da colina e acolhido pelos ideais de um novo país que se formava, acompanhadas por Bonfá na bateria, também talentoso, que além de músico, realizou os desenhos e visuais da banda e por fim, Renato nos vocais, leitor de grandes escritores, amante da boa música, da poesia clássica e moderna, homossexual lutando por seu espaço, mas principalmente, um ser humano captando a energia do amor. Um jovem observador de seu tempo, vendo desmoronar o respeito e a ética. Ansioso por expressar em sua música, a situação que o país enfrentava e o cotidiano da juventude da época. Clamava a todos que somente o amor seria a salvação, como disse Okky de Souza na Revista Veja: “Não é uma coisa importante porque as religiões dizem que seja, ou então porque é da natureza humana; mas porque pode ser uma espécie de passaporte para outras reflexões e outras sensações”. É essa dança do intelecto que Ezra Pound diz perceber a verdade transfigurada da poesia:

Tire suas mãos de mim  
Eu não pertenço a você  
Não é me dominando assim  
Que você vai me entender  
Eu posso estar sozinho  
Mas eu sei muito bem aonde estou  
Você pode até duvidar  
É só que isso não é amor  
(URBANA, Legião. *Será*. CD *Legião Urbana*. 1985, faixa 1).

Ao contrário do que se imagina a uma primeira leitura, a letra não fala de um casal de enamorados que estão discutindo a relação, mas sim, da imposição da ditadura militar e a censura aos artistas, a liberdade de expressão na música e nas artes plásticas. O eu fala que não será calado facilmente, pois sabe realmente com quem está lidando e ainda fala que o amor à pátria, lema dos militares, não é amor tal qual classificamos.

No trecho abaixo, percebemos outra mensagem sobre o exílio dos artistas:

Filósofos suicidas  
Agricultores famintos  
Desaparecendo  
Embaixo dos arquivos  
(URBANA, Legião. *Petróleo do Futuro*. CD *Legião Urbana*. 1985, faixa 3).

Em outra faixa, a convocação do poeta à geração de 80 para combater a opressão do governo:

Depois de vinte anos na escola  
Não é difícil aprender  
Todas as manhas do seu jogo sujo  
Não é assim que tem que ser?  
Vamos fazer nosso dever de casa  
E aí então, vocês vão ver  
Suas crianças derrubando reis  
Fazer comédia no cinema com as suas leis.  
(URBANA, Legião. *Geração Coca-Cola*. CD *Legião Urbana*. 1985, faixa 6).

## POEMA-LETRA E LETRA-POEMA

Para esclarecer a diferença entre poema e letra, dividiremos os conceitos: poema-letra e letra – poema. O primeiro está na classificação daquele que nasceu como texto, publicados antes em livros e depois musicado. Embora a poesia seja anterior à escrita e os poemas tenham sido musicados inicialmente, contudo, em comum com a música, o poema trazia estrofe e métrica, a rima surgiu apenas na Idade Média, com os trovadores, como já foi citado

anteriormente, onde ocorreu a junção poema e música. São muitos os poemas musicados no Brasil e dentre eles temos: *Morte e Vida Severina* (João Cabral de Melo neto), por Chico Buarque; *Epitáfio* (Cecília Meireles), pela banda *Titãs*; Camões musicado pela *Legião Urbana*, em *Monte Castelo*; e *Agora José* (Carlos Drummond de Andrade), por Paulo Diniz; *Fanatismo* (Florbela Espanca), por Fagner; *Rosa de Hiroxima* (Vinicius de Moraes) por *Secos e Molhados*, etc.

Nas letras da *Legião Urbana*, há inserções de poemas musicados:

É um não querer mais que bem querer  
É solitário andar por entre a gente  
É um não contentar-se de contente  
É cuidar que se ganha em se perder  
É um estar-se preso por vontade  
É servir a quem vence o vencedor  
É um ter com quem nos mata lealdade  
Tão contrário a si é o mesmo amor  
(URBANA Legião. *Monte Castelo*. CD *As quatro estações*. 1989, Faixa 7).

Enquanto que a letra – poema, para que seja reconhecida como tal, necessita que o leitor tenha um conhecimento prévio das qualidades intrínsecas da poesia, descritas aqui por Ezra, no capítulo anterior, isto é, a letra deve representar muito além do que se lê. *A Legião Urbana*, como o próprio Renato afirmou em diversas entrevistas e até mesmo no encarte de alguns discos, possui “São palavras simples, é um vocabulário básico, mas há coisas para descobrir” (Russo in ASSAD.2000, p.267).

O poeta e escritor amazonense Zemaria Pinto afirma que:

A poesia limita-se com as artes plásticas, ao transmitir imagens criadas a partir de palavras que o senso comum não admite, e com a música, dada a musicalidade comum ao poema. Mas ao promover “a dança do intelecto entre as palavras”, como dizia Pound, que se percebe a verdade transfigurada da poesia.  
(PINTO, 2011, págs. 167/168.)

Em *Metal contra as nuvens*, música do *Disco V* já na primeira estrofe, percebemos algumas dicas de como o poeta sentia em relação à situação econômica do país em 1991, mas esse sentimento não pertencia somente a ele, Renato Russo, mas há milhares de brasileiros que vivenciavam naquele momento a maior inflação já vista:

Não sou escravo de ninguém  
Ninguém, senhor do meu domínio  
Sei o que devo defender

E, por valor eu tenho  
E temo o que agora se desfaz  
(URBANA, Legião. *Metal contra as nuvens*. CD V.1991, faixa 2).

No primeiro verso, a indicação da liberdade concedida ao povo pelo voto direto, enquanto no terceiro, aborda a defesa da democracia. No último, diz temer o regime que se desfez, mas na realidade, a tensão vem do que ainda virá: a fome, o desemprego, as mãos atadas do povo que não sabe o que fazer para fugir de tal sofrimento e a decepção, por acreditar nas promessas de campanha do presidente Fernando Collor de Mello, que dizia acabar com os marajás do Brasil.

Quase acreditei na sua promessa  
E o que vejo é fome e destruição  
Perdi a minha sela e a minha espada  
Perdi o meu castelo e minha princesa

Mais adiante, o poeta ainda fala na honra e nas pessoas que acreditam nas promessas do governo, a inocência dos tolos e o roubo sofrido por todos, mas alerta que o tesouro dele será guardado, referindo-se ao bloqueio econômico de 1990.

E, por honra, se existir verdade  
Existem os tolos e existe o ladrão  
E há quem se alimente do que é roubo  
Mas vou guardar o meu tesouro  
Caso você esteja mentindo

Em *Índios* (CD *Dois*), Russo fala sobre a entrega inocente da cultura indígena e a troca injusta de artefatos sem valor pelo trabalho escravo, a exploração das riquezas naturais e especiarias e pela imposição da cultura e religião do branco:

Quem me dera ao menos uma vez,  
Ter de volta todo o ouro que entreguei  
A quem conseguiu me convencer  
Que era prova de amizade  
Se alguém levasse embora até o que eu não tinha  
(...)  
Quem me dera ao menos uma vez,  
Como a mais bela tribo, dos mais belos índios,  
Não ser atacado, por ser inocente.  
(URBANA, Legião. *Índios*. CD *Dois*, 1986, Faixa 12).

A fim de realizarmos um estudo mais profundo a respeito da letra-poema na Legião Urbana, analisemos a música *O Teatro dos Vampiros*, que aborda de maneira singular e direta

as dificuldades que o povo brasileiro enfrentava na década de 90. A dificuldade que a juventude enfrentava a procura de um emprego, sem recursos sequer para sair e se divertir com os amigos.

Na primeira estrofe, o poeta declama a necessidade por atenção, o conflito emocional da geração que está ficando adulta no final dos anos 80 e início da década de 90. Possivelmente uma situação emocional motivada pela ansiedade em torno dos problemas econômicos que o país enfrentava. Renato falava a uma geração de jovens procurando um lugar ao sol no Brasil da *Era Collor*, uma recém-democracia que elegia o seu primeiro presidente em 20 anos (a Nova Constituição era de 1988, o disco foi lançado em 1991). Mas, nem tudo são flores: onde estão todos os desaparecidos? O poeta responde fazendo referência a um dito popular, que reza que quando não se quer mostrar o quanto a casa está suja, mas não se tem tempo ou coragem de limpá-la, “varre-se a poeira para debaixo do tapete”, o último verso da estrofe confirma que a poeira varrida para debaixo do tapete, são os crimes cometidos pelos aparelhos de segurança da ditadura militar.

Sempre precisei  
De um pouco de atenção  
Acho que não sei quem sou  
Só sei do que não gosto.  
E nesses dias tão estranhos  
Fica a poeira se escondendo pelos cantos.

Já na segunda estrofe, o poeta se exime de responsabilidade pela necessidade de atenção expressa na primeira, atribuindo-a não a um traço de sua personalidade, mas “ao nosso mundo”, em outras palavras, ao tempo histórico, que se faz sempre presente nas canções do V. Renato parece relacionar no referido trecho, a economia dos sentimentos com a economia capitalista, o que ficará latente, à medida que analisarmos a canção. Os jovens não encontram lugar no mercado de trabalho, pois as empresas exigem experiência no currículo para contratar, contudo, se estão em busca do primeiro emprego, não tiveram experiência de trabalho anterior. O poeta demonstra aprisionamento, onde os senhores da ditadura, assassinos de tantos, estão livres, mas o povo encontra-se refém da economia.

Esse é o nosso mundo:  
O que é demais nunca é o bastante  
E a primeira vez é sempre a última chance.  
Ninguém vê onde chegamos:  
Os assassinos estão livres, nós não estamos.

O refrão da música não deixa dúvida quanto à sensação de retrocesso na qual o Brasil se encontrava naquele momento, e o absurdo de uma inflação que quase levou o Brasil à falência, dificultando a contratação de trabalhadores:

Vamos sair, mas estamos sem dinheiro  
Os meus amigos todos estão procurando emprego  
Voltamos a viver, como há dez anos atrás  
E a cada hora que passa  
Envelhecemos dez semanas.

O jovem quer sair, se divertir, mas não possui recurso financeiro para isso. Iniciou a década de 90, mas o Brasil mergulha outra vez na crise econômica, e apesar de jovem, ele se sente como se a ditadura, chamada “dos velhos”, não tivesse terminado, pois ainda não há liberdade sequer para usar o próprio dinheiro. O poeta não se intimida com a situação deplorável do país, e insiste na necessidade de se continuar com uma vida o mais normal possível, inclusive saindo para se divertir, mesmo sem muita razão para celebrar:

Vamos lá, tudo bem\_eu só quero me divertir.  
Esquecer, dessa noite ter um lugar legal prá ir...  
Já entregamos o alvo e a artilharia  
Comparamos nossas vidas  
E esperamos que um dia  
Nossas vidas possam se encontrar.

A uma primeira audição, esse trecho nos transmite a impressão de um conformismo irrestrito, ratificado no terceiro verso, onde é afirmado o descaso pela luta. Aqui, recorremos à professora Adélia Bezerra de Menezes que classifica essa característica de função catártica da música de protesto.

A música agindo no nível da afetividade provoca uma liberação de emoções, trazendo certo alívio: resolve no plano verbal – e emocional – aquilo que deveria acontecer no plano da práxis histórica<sup>viii</sup>, desmobilizando, dessa forma, aos seus ouvintes para a reivindicação social. Estaria a juventude da época decepcionada com a luta política? É impossível não identificar um sério desencanto na canção de Renato Russo e ele mesmo reitera a “função escapismo”<sup>ix</sup> da qual nos fala Adélia, que não está ausente dos planos do poeta. Está claro que para Renato Russo, nesse momento histórico, tratava-se de deixar de lado os planos de “resistência” mais radicais e se concentrar numa estratégia de “sobrevivência”.

Renato canta para todos. A situação político-econômica-social do Brasil pós-ditadura nos remete à fuga. Lembremos que a democracia brasileira, também foi um legado da ditadura,

que esteve envolvida integralmente na retransmissão do poder aos civis, a despeito de toda a luta pela redemocratização do país. *O Teatro dos Vampiros* não declama somente o embate político-social-econômico entre o eu e o mundo. Utiliza o plural nesse terceiro verso para representar a voz de todo um país frustrado, Renato aponta onde está a esperança: no amor. É nele que a geração de Renato vai encontrar consolo. Uma verdadeira “utopia do amor” pode ser identificada no que dissemos até agora. Se parece haver um conformismo no plano político, o poeta admite isso por acreditar que não existe solução política ou social para o Brasil, mas existe saída no amor. A ausência desse sentimento ao próximo coroa o pessimismo dessa canção, que termina com a frase dizendo não sentir pena de ninguém.

É no plano sentimental que se justifica o título da canção, *O Teatro dos vampiros*. Se pensarmos em duas das características mais evidentes de um vampiro, a juventude eterna, e o fato de precisar se alimentar do sangue de suas vítimas humanas, logo encontraremos a atitude emocional “vampiresca” de quem é egoísta e precisa de atenção, o que caracteriza o eu do cantor como um “vampiro” no plano emocional, o que em si, já evidencia a “juventude eterna” na forma da imaturidade, pois, se admite que o amor é a solução, ele também confessa que não tem maturidade para amar:

Quando me vi tendo de viver comigo apenas  
E com o mundo  
Você me veio como um sonho bom  
E me assustei

Até aqui, o embate entre o eu, esse eu que é coletivo por representar uma geração, mas que é dito no singular por representar uma geração egoísta que não sabe amar, e o mundo vasto e incompreensível da história, está sintetizado no problema de viver. A difícil experiência da vida é representada nos versos que justificam de certa forma, a incapacidade de amar do poeta. Contudo, a imaturidade não comporta somente valores negativos. Um ser imaturo, que ainda não sabe quem é não enrijeceu na realidade seus valores, desenraizados, e, portanto dispõe de uma virtualidade fluida que pode transformar o indivíduo imaturo em um indivíduo que ama. Afinal, esse eu lírico sabe, que a verdadeira riqueza, aquela, da qual nos fala o Evangelho, não é perceptível neste mundo. Ela está onde a traça não rói e os ladrões não roubam. Essa riqueza só pode ser o amor.

Não sou perfeito  
Eu não esqueço  
A riqueza que nós temos  
Ninguém consegue perceber

E de pensar nisso tudo, eu, homem feito  
Tive medo e não consegui dormir.

Eis o fato assustador no mundo. O fato escandaloso, que paralisa o jovem que entra em contato com o mercado de trabalho, e com o sistema de trocas capitalistas. Apenas o dinheiro tem valor. A bondade, o amor, a generosidade, a lealdade, são valores imperceptíveis. É inevitável o despedaçar das esperanças do jovem, que crê no amor, mas, contudo, o sabe impossível neste mundo. O eu sente o desejo de recuar rumo à infância recém-abandonada para fugir das agruras da vida adulta no quinto e sexto verso.

Desse ponto, o refrão volta, repetindo a necessidade de encontrar uma fuga, um escape dessa situação para a qual o poeta não vê saída. Ao mesmo tempo, fica evidente que uma solução para esse sombrio estado de coisas, seria um retorno aos valores “ingênuos” da infância, pois o “homem feito” que não quer corroborar com o sistema, se refugia nessa ingenuidade, ao admitir que “teve medo”. Cai então a máscara do adulto, forte e inabalável, e o ser humano, com os seus tesouros interiores, seus valores e desvalores; surge nu, como se voltasse a fazer parte do Jardim do Éden. Talvez, como um desenvolvimento deste tema (presente no decorrer do álbum inteiro), a última canção da Legião no disco (pois a última canção do álbum faz parte do folclore americano) se intitula *L'âge D'or* (a idade do ouro), aludindo ao antigo mito da humanidade que vivia num mundo paradisíaco, no qual o mal era desconhecido: esse mundo paradisíaco só pode existir na infância, ou nas *lembranças a posteriori* que construímos dela. E o teatro, como símbolo da peça da vida humana, representando o palco onde os vampiros do governo atacam ao povo, que em contrapartida, sempre os aplaude, como disse William Shakespeare:

O mundo inteiro é um palco  
E todos os homens e mulheres não  
Passam de meros atores  
Eles entram e saem de cena  
E cada um no seu tempo representa  
Diversos papéis.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Assim, identificamos a poesia de Renato Russo, na sua característica de fazer remeter a realidade no espaço-tempo, como a inflação e a ditadura, o preconceito, o desemprego, a ética e a moral dos jovens e das crianças que serão o futuro da nação. O cotidiano é retratado com as cores urbanas do rock brasileiro, dando uma característica polifônica às letras de

Renato Russo, característica essa que ele admitiu em entrevista, elevando suas canções a nosso ver, à qualidade literária de poesia, atingindo mesmo uma dimensão artística mais ampla por fazer com que o universal coincida com o coletivo.

Notas Explicativas:

---

<sup>i</sup> Aluna do PPGL – UFAM – Mestrado em Estudos Literários.  
Email:yonar.marinho@hotmail.com

<sup>ii</sup> O pseudônimo “Russo” foi adotado pelo cantor em “referência aos pensadores Jean-Jacques Rousseau e Bertrand Russell e ao pintor Henri Rosseau”. (DAPIEVE, 2000p.131).

<sup>iii</sup> “Em 1968, o AI-5 censurou os meios de comunicação e uma onda de terror percorreu o Brasil.Centenas de opositores foram presos:líderes políticos, sindicalistas, jornalistas, intelectuais, artistas”.(VILLA,Marco Antonio,2014.p.132).

<sup>iv</sup> Joy Division foi uma banda pós-punk formada no ano de 1976, em Manchester, Inglaterra. A banda acabou em 18 de Maio de 1980 após o suicídio do vocalista e guitarrista ocasional, Ian Curtis . A banda também tinha como integrantes Bernard Sumner (guitarrista e tecladista, chamado Bernard Albrecht), Peter Hook (baixista e vocalista) e Stephen Morris (percussionista e baterista). Após o termino da banda, os três integrantes remanescentes formaram o New Order, alcançando maior sucesso crítico e comercial. A característica mais marcante do Joy Division é sua sonoridade melancólica acompanhada de melodias com temas depressivos e cotidianos . Os artistas que mais influenciaram o grupo foram The Doors, Velvet Underground, David Bowie, Sex Pistols e Iggy Pop.

<sup>v</sup> The Smiths foi uma banda britânica de rock alternativo formada em Manchester em 1982. Tendo como principal característica a parceria nas composições de Morrissey (vocal) e Johnny Marr (guitarras), a banda também incluía Andy Rourke no baixo e Mike Joyce como baterista. Os críticos consideram a banda como sendo a mais importante banda de rock alternativo a surgir nos anos 80.

<sup>vi</sup> Aristóteles. *Ética a Nicômaco ; Poética / Aristóteles ; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. — 4. ed. — São Paulo : Nova Cultural, 1991. — (Os pensadores ; v. 2)*

<sup>vii</sup> Ezra Weston Loomis Pound (Hailey, 30 de outubro de 1885 — Veneza, 1 de novembro de 1972) foi um poeta, músico e crítico literário americano que, junto com T. S. Eliot, foi uma das maiores figuras do movimento modernista da poesia do início do século XX nos país norte-americano.

<sup>viii</sup> MENESES, Adélia Bezerra. *Poesia e Política em Chico Buarque. São Paulo: Ateliê Editorial, p.86, 2002.*

## REFERÊNCIAS:

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco ; Poética*; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. — 4. ed. — São Paulo : Nova Cultural, 1991.

ASSAD, Simone. *Renato Russo de A a Z: as idéias do líder da Legião Urbana*. Campo Grande: Letra Livre, 2000.

DAPIEVE, Arthur. *Renato Russo: O trovador Solitário*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

MENESES, Adélia Bezerra. *Desenho Mágico: Poesia e Política em Chico Buarque*. 3ª. Ed. ampliada. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

OLIVEIRA, Simone Ribeiro de...[ET al]. *Literatura e Música*. São Paulo: editora Senac São Paulo: Instituto Itaú cultural, 2003.

PINTO, Zemaria. *O texto Nu – Teoria da Literatura: gênese, conceitos, aplicação*. 2ª edição. Manaus: Editora Valer, 2011.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Música popular e moderna poesia brasileira*. São Paulo: Nova Alexandria, 2013.

URBANA, Legião. CD *Legião Urbana*. EMI – Odeon, 1983.

URBANA, Legião. CD *Que País é Este*. EMI – Odeon, 1987.

URBANA, Legião. CD *As Quatro Estações*. EMI – Odeon, 1989

URBANA, Legião. CD *Dois*. Abril Coleções. São Paulo: abril, 2011.

Recebido: 02/09/2014

Aprovado: 27/09/2014